

VASP — a empresa aérea 5 anos na frente.

Cena do filme *Catiti-Catiti*, de Lygia Pape

## Lygia Pape, cineasta

Qual seria a reação de Pero Vaz de Caminha se aportasse hoje no Rio de Janeiro? Essa situação foi imaginada pela artista Lygia Pape que, através do seu curta metragem «Catiti, Catiti» (que significa «Lua Nova, oh! Lua Nova» em Tupy-guarany), faz uma leitura da carta de Caminha ao mesmo tempo que focaliza a atual paisagem da Baía de Guanabara. Com esse anacronismo proposital, Lygia acabou de criar, segundo ela, uma ficção antropológica.

— É uma posição crítica que demonstra como a nossa cultura foi devorada e digerida, em primeiro lugar pelos portugueses, e depois por outros estrangeiros. O filme torna-se irônico porque é dirigido para dar um contraste entre o texto e o cenário captado pela câmera: evidentemente a realidade de hoje não se adapta à visão de Caminha.

Não deixa de ser surpreendente que, ao invés de encontrar a pintora e desenhista, estou diante de uma Lygia Pape cujos interesses estão voltados, atualmente, apenas para o cinema, no qual descobriu «um processo de movimentação muito maior do que a pintura e o desenho».

— Não estou mais interessada em manter uma imagem de artista plástica. Me sinto como pensadora e só quero agora divulgar as minhas idéias. Para isso encontrei o cinema, que considero o melhor veículo.

Essas idéias, adquiridas pela vivência, colhidas dentro do cotidiano, têm por objetivo mesclar a vida com a arte.

— Acho desnecessário produzir novidades quando posso recolher a arte de dentro da própria vida. No meu trabalho eu manipulo objetos e elementos que fazem parte do dia-a-dia de cada um. Quero dizer com isso que não é preciso inventar essas coisas: elas já existem. É a realidade, em si, que me fornece o material com o qual posso expor as idéias.

Lygia Pape lembra da exposição «Eat Me — A Gula e a Luxúria», realizada no Museu de Arte Moderna em 1976, onde salientou o problema da mulher como objeto de consumo. A artista fez levantamento de todas as coisas que nos são familiares — desde o batom, pó de arroz, cílios postiços até espelinhos com desenhos eróticos — e as utilizou na mostra. Essa atitude deu um significado crítico a esses mitos de sedução.

A constante procura para apresentar um cotidiano direto e verdadeiro induz Lygia Pape a experiências como, por exemplo, levar os seus alunos de arquitetura da Universidade Santa Úrsula para subúrbios da cidade...

— E nós vamos de trem, igual a todos. Através desse contato com diversos ambientes, tento desenvolver a sua consciência crítica para que, mais tarde, como profissionais, possam humanizar a realidade. Meu trabalho está dentro de um espaço poético, ou seja, no espaço do homem, no sentido de atenuar as dificuldades que ele enfrenta.

Não resta dúvida que a rotina de Lygia Pape, dividida entre o cinema e as aulas, desativou completamente as artes plásticas. Indago como foi a mudança.

— Eu fazia parte de um grupo concretista e trabalhávamos em todas as atividades dentro da arte. Mas ninguém lidava apenas com uma só: por exemplo, quem pintava também escrevia poesias ou, ao contrário, o poeta desenhava. Existia então uma mistura de linguagens artísticas onde as palavras podiam ser encaixadas nas pinturas e as cores em textos. Inevitavelmente, alcancei o cinema; daí em diante, acabaram as barreiras, pois ele me serve de metalinguagem além de ser uma perspectiva em relação a todas as outras áreas.

Desde a direção até a montagem, Lygia encontra possibilidades para transmitir essa visão crítica que ela deseja projetar através dos seus documentários e ficções. Vale ressaltar que «Catiti, Catiti» não é o seu primeiro curta metragem.

— Já fiz uns dez filmes: alguns seguindo idéias minhas e outros por encomenda — esses eu considero um desafio porque é preciso fazer o trabalho dentro de um tema indicado.

Mas Lygia Pape, que ainda está com esta última produção em fase de montagem, já se prepara para concluir um documentário sobre Mário Pedrosa — «agora que ele voltou», e começar um outro sobre Ivan Serpa, «que faço questão de produzir, pois ele era um grande amigo meu».

Reportagem de Antonela Velasco